



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

26 DE FEVEREIRO DE 1968
ANO XXII — N.º 573 — Preço 18

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Tem sido um rodopio com a marcação das ditas. Conciliar dias livres nos vários Teatros onde nos apresentamos com o aproveitamento de viagens e com a possibilidade de resistência à fadiga dos nossos rapazes — eis um bico de obra que tem os seus quês.

Porém a primeira jornada, graças a Deus, está resolvida.

Na 5.ª feira, 17/Março será o Coliseu do Porto. Dia seguinte em Guimarães. Na 3.ª feira, dia 22 estaremos no Avenida de Coimbra. Dia seguinte no Aveirense, de Aveiro. E logo na 5.ª feira, 24 no Teatro Circo de Braga. Sábado, 26 e domingo seguinte será em Viseu, de colaboração com as Belenitas. E 2.ª feira, 28 em Lamego.

Lamego é a nossa primeira estreia deste ano. P.e Duarte, por causa do seu Lar Operário em Lamego, não desarma: «Têm de cá vir e têm mesmo». Eu já sei o que ele quer: é a massinha da Festa! Mas lá por isso vamos, sim senhor, e

FESTAS

contamos que o bom Povo de Lamego, que tão bem tem correspondido à venda do «Famoso» (coincidente também com a abertura do dito Lar), não há-de deixar os nossos artistas sem o calor da sua presença, nem P.e Duarte sem o calor da bilheteira esgotada.

Depois há o projecto de uma segunda volta e esta inclui várias estações ainda não experimentadas. Olgo falar em Monção e em Valença, em Espinho e S. João da Madeira, em S. Tirso e Famalicão. Mas isto será só depois da Páscoa e até lá temos tempo de pensar melhor no empreendimento!

Amarante é já terra nossa. Por isso é que, embora não falada, quase podemos apresentar como certa.

Nesta segunda jornada terão lugar também as Festas de Lisboa e Setúbal respectivamente em 21 e 22 de Abril.

Os senhores vão, pois, preparando-se.



Quadros da nossa vida. Terminou o pequeno almoço. São quase 7 horas da manhã. Mas um dia de trabalho para todos. Nós somos uma casa de trabalho.

A carrinha prepara-se para levar à cidade um grupo de estudantes e os que vão para seus empregos.

Mas os que ficam em casa também trabalham. Um dos elementos essenciais na pedagogia de Pai Américo é a recuperação do garoto da rua pelo trabalho: — há-de comer o pão ganho com o suor do rosto.

De um cantinho da capela, sem ser notado por ninguém, meus olhos poisaram neste quadro lindo: seis garotos — o mais pequeno tem 5 anos e o mais velho não vai além dos 8 — sob as ordens do Miguel, que anda na casa dos 12, presos às vassouras de palmeira, feitas por eles, varriam os terreiros muito cer-

tos. Estavam sós. Ninguém os vigiava. Mas a consciência do dever a cumprir já é uma realidade em embrião nestes filhos ainda tão pequeninos. Este foi o primeiro ponto da minha meditação naquela manhã de quinta-feira.

.....
Outro quadro. Foi ao anoitecer. A escola primária havia fechado há poucos minutos ainda. Brincando, a correr e a saltar, um magote de garotos dirigia-se a casa. Também eu seguia meu caminho.

Luciano, apressado, puxa-me pelo braço e diz baixinho: «tome lá estes 10\$00 que achei quando vinha da escola». Beijei-o, agradeço. Luciano veio da rua, como tantos outros...

.....
E a propósito: Não é a primeira vez que amigos zelosos e pru-

dentes me fazem esta pergunta: «Os pobres que andam a vender «O Gaiato» entregam todo o dinheiro que recebem?»

Gostava que assim fossem ao prestar contas quando regressam. Gostava que vissem a alegria e entrega do dinheiro. Ficava contente se ouvissem expressões como esta: «O dinheiro que trouxe chegará para pagar aos trabalhadores? Sorrijo-me. Interiormente fico tão contente com a simplicidade cheia de responsabilidade dos nossos filhos. Eles têm licença de gastar X para o lance que bem merecem, mas sucede que «por terem recebido pouco» preferem não lançar.

Quero comunicar-vos que, no ano que findou, passaram pelas mãos dos pequenos da venda de «O Gaiato» à roda de 100.000\$00. Fora-

Cont. na página tri

A Igreja Pobre e Serva

«Documento das Catacumbas» — lemos que lhe chamaram alguns. Nem tanto pelo lugar em que a inspiração de Deus terá descido sobre os Cardeais e Bispos que o assinaram (algumas centenas — lemos também) — como pelo espírito ao sabor do princípio, quando a Igreja era das Catacumbas e dos Pobres e dos Escravos e se lançou na conquista de todos os homens de boa vontade, também os Senhores, com as armas do Amor, da Pobreza, do Serviço.

A Igreja dos Pobres, a Igreja dos Humíldes, a Igreja Pobre e Serva — quanto Pai Américo a amou! Como lutou por ela! Quanto sofreu! Como se arriscou a tantos «julgamentos» de menos ortodoxia, por causa do seu amor à Pobreza que «é a nossa riqueza», aos Pobres, «que trazem em sua necessidade, tudo com que a hão-de suprir sob os nossos telhados!» Como ele há-de sorrir, contente, no Céu! E como há-de reservar um abraço caloroso para cada um dos signatários quando LA chegarem ao pé dele!

O Documento — ei-lo:

«Projecto proposto por alguns bispos: Nós, bispos — reunidos na Assembleia do Concílio Vaticano II — tendo aberto os olhos para as falhas de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho — encorajados, uns pelos outros, em uma caminhada na qual cada um quer evitar a singularidade e presunção, unidos a todos os irmãos no Episcopado, contando sobretudo com a graça

de Deus e com a força de N. S. Jesus Cristo, com a prece dos fiéis e dos padres de nossas respectivas Dioceses — collocando-nos pelo pensamento e pela oração diante da SS. Trindade e diante da Igreja de Cristo, — diante dos Padres e Fiéis de nossas Dioceses — na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas

— Continua na SEGUNDA página



CASA DO GAIATO DE BENGUELA: FACHADAS PRINCIPAL E NASCENTE DA PADARIA, LAVANDARIA, MOAGEM, CELEIRO E GARAGEM.

Hoje vou falar ao coração de todas as Mães, na certeza antecipada de que virão logo em meu auxílio. Trata-se do seguinte:

Uma das nossas aprendizes, apesar de ser muito nova, é casada e o marido encontra-se no serviço militar.

Tem três filhos: um de dois anos, um pouco atrasado no andar e no falar; agora, nasceram dois gémeos. Calculem a aflição da pobre mãe!... Se o enxoval que tinha, nem para um chogava!... Agora com três crianças a cuidar, não pode trabalhar noutro serviço. E com o marido na tropa... que há-de fazer? Por isso Mães que lerdes este artigo, não fiquéis indiferentes. Ide dar voltas às vossas gavetas, que decerto lá encontrareis roupas dos vossos filhos, já fora de uso, e mandai-mas na volta do correio para agasalhar os filhos desta nossa aprendiz. Por acaso recebi hoje a segunda encomenda de uma mãe de Lisboa, com retalhos, e que vou já aproveitar a fazer umas camisetas. Aqui tudo se aproveita, o que não servir para roupa, serve para tiras, e fazem-se mantas depois.

Mais encomendas enviadas, e donativos recebidos: Da Avó de Moscavide e do senhor Major de Lisboa, temos recebido



todos os meses, a oferta para os novelos de lã. De um anónimo 10\$00 para o mesmo fim. Um casaco para Penafiel. De um cristão amigo de todas as obras do saudoso P. Américo, 200\$00 para a ajuda do nosso aparelho (até hoje recebi ainda poucos donativos para este fim). A despesa é de 13.200\$00. Da Beira, 200\$00 para pagar um mostruário que para lá mandei. Oxalá, agrade, e nos venham de lá muitas encomendas. Os 100\$ mensais de Lisboa, que se destinam a agasalhos para o Calvário, têm sido recebidos. De Alda Gouveia, 100\$00. Para Guimarães, foram duas camisolas. Lisboa, 1 chale. Porto, 4 camisolas. Do assinante 11461, 20\$00. Para o Barredo, 2 chales. 14 chales para a Mocidade Portuguesa Feminina de Lisboa. (Encomenda

de todos os anos). Arouca, 3 camisolas, (gosta do trabalho, e muito admira que seja feito por crianças tão pequenas). Algueirão. 1 chale. Gaia, 1 chale, 1 par de soquetes e uma pega. Ilhavo, 1 chale. Carregado, 1 casaco, 2 camisas em flanela para senhora e um jogo de cama individual. Ponte de Sor, 50 chales. Olhão, uma capa. Para a rua de Moçambique, 1 chale. 50 camisolas e 1 echarpe, para Valbom. Lisboa, 1 chale, um pijama para homem e 1 jogo de cama. Outra vez Lisboa, 2 chales+4+2 e 5 camisolas. E agora esta carta:

«Gostava de ajudar a vossa Obra, e ao mesmo tempo outras. Mando 500\$00, e peço-vos o favor de destinarem 200\$00, para roupas a enviar ao «Calvário», 200\$00 para peças de roupa, que enviará também para Belém, e 100\$00 que suponho chegarem para vestir uma criança da vossa freguesia».

Tudo se fez como pedin. Para Belém, foram uns babeiritos muito engraçados. A senhora D. Inês, já fez referência a eles, num dos seus artigos. Temos um robe para senhora em flanela, e dois pijamas, feitos e prontos a seguir. Como sabem, fazemos qualquer peça de costura, por isso continuamos à espera das vossas encomendas.

Maria Augusta

Lar Operário em LAMEGO

Estamos ainda como hóspedes e a nossa presença na cidade é pouco conhecida. Não é portanto ocasião de fazer já afirmações de simpatia ou antipatia. As primeiras impressões, todavia, não podem ser melhores. Os poucos que deram conta de nós, começam a dispensar-nos carinho.

Ainda não foi preciso comprar hortaliça e todos os dias se tem gasto. Há dias chegou-nos um cesto dela e vários quilos de batatas de alguém que não conhecemos. Recebemos também um pouco de azeite e de carne e quando íamos pagar um saco de arroz, disseram-nos que estava pago.

De Lisboa chegaram dois cobertores novos.

Os rapazes estão a trabalhar nas diversas oficinas da cidade. Não houve dificuldade na sua colocação a não ser os que escolheram ser carpinteiros. A necessidade cria o órgão e talvez por isso tenhamos de pensar numa carpintaria. O assunto já foi ventilado e apareceu um mestre para ensinar graciosamente. Estamos à espera de mais dois rapazes e está assegurado o lugar para eles aprenderem.

São já muitas as pessoas que vieram aqui pedir rapazes para trabalharem como «caixeiros». Pode dizer-se que ainda não nos conhecem e começam a depositar em nós uma confiança especial. A todos estamos muito agradecidos e aos rapazes temos recomendado que se esforcem por merecer cada vez mais esta confiança. Está aqui o nosso maior receio: o mau porte do rapaz.

Não foi possível atender aqueles pedidos visto ser outra a finalidade do Lar.

Aos primeiros que chegaram não lhes recomendámos para trazerem «fato macaco» e agora quase todos precisaram deles. Mandaram-se fazer os quatro mais urgentes e não sabemos como resolver o caso. Os rapazes são pobres e de famílias pobres e o Lar não tem orçamentos para esta despesa! Eles já os trazem vestidos... Igualmente não são dos nossos orçamentos as roupas individuais. Acontece, porém, que a encarregada do arranjo das mesmas nos vem dizer que não sabe como fazer a algumas peças de tão velhinhas que são e mostra uma camisola interior toda em tiras. Respondo que aquilo não era da nossa conta. Depois fiquei a pensar e a falar sozinho: se eles não têm e os pais não lhes podem dar, como se há-de fazer? A conta de quem será?!...

Padre Duarte

A IGREJA POBRE E SERVA

Contin. da PRIMEIRA página

com toda a determinação e força de Deus que nos há-de dar por sua graça, comprometemo-nos ao que se segue:

1) Tentaremos viver segundo o modo ordinário do nosso povo, no que concerne a habitação, a alimentos, a meios de locomoção e ao que daí decorre (Mat. V, 3; 33/34; VII, 20).

2) Renunciaremos para sempre à aparência e à realidade da riqueza, especialmente: — nas vestes (tecidos ricos, cores vistosas) — nas insígnias em matéria preciosa (estes sinais devem ser, de facto, evangélicos) (Marcos, VI, 9; Mateus, X, 9/10; Actos, III, 6).

3) Não possuiremos, em nosso próprio nome, nem imóveis, nem móveis, nem contas de Banco. Se for preciso possuir, poremos tudo em nome da Diocese ou de obra sociais e caritativas (Mateus VI, 19/21; Lucas XII, 33/34).

4) Confiaremos, sempre que possível, a gestão financeira e material da nossa Diocese a um «comité» de leigos competentes e conscientes do seu papel apostólico, de modo a podermos ser menos administradores do que Pastores. (Mateus X, 8; Actos VI, 1/7).

5) Recusamos ser tratados, oralmente ou por escrito, por

nomes e títulos que traduzam grandeza e poder (ex.: Eminência, Excelência, Monseñor). Preferimos ser chamados pelo nome evangélico de pai (Mat. XX, 25/28, XXIII, 6/11; João XIII, 12/15).

6) Evitaremos, em nosso comportamento, em nossas relações sociais, tudo o que possa parecer significar privilégio, prioridade ou mesmo qualquer preferência aos ricos e poderosos (Lucas XIII, 12/14; I Cor. 14/19).

7) Evitaremos, também, enorajar ou insuflar a vaidade de alguém, para agradecer ou solicitar donativos ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerar os próprios dons como participação normal no culto, no apostolado e na acção social (Mateus VI, 2/4; Lucas XV, 9/13; II Cor. XII, 14).

8) Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, amor e recursos... ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos de trabalhadores e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isto prejudique outras pessoas e grupos da Diocese. Daremos apoio aos leigos, religiosos, diáconos ou padres que o Senhor tenha chamado ou venha a chamar para evangelizar os pobres e

os operários, participando-lhes do trabalho e da vida operária (Lucas IV, 18/19; Marcos VI, 4; Mateus XI, 4/5; Actos XVIII, 3/4 e XX, 33/35; I Cor. IV, 12 e IX, 27).

9) Conscientes das exigências da justiça e da caridade, e das suas mútuas relações, tentaremos transformar as obras de beneficência em obras sociais baseadas na caridade e na justiça, que pensem em todos e em todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes (Mateus XXV, 31/46; Lucas XII, 12/14, e XXXIII, 34).

10) Faremos tudo para que o responsáveis por nosso Governo e pelos nossos Serviços Públicos adoptem e ponham em prática as leis, as estruturas e as instituições necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmónico e integral do homem todo e de todos os homens, que levem a uma ordem social nova e digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus (Actos II, 44/45; IV, 32/35, e V, 4; II Cor. VIII e IX; I Tim. V, 16).

11) Uma vez que a colegialidade episcopal encontra sua realização evangélica mais completa na assunção em comum das massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral (2/3 da humanidade), nós nos comprometemos: — em particular, segundo nossos recursos, nos investimentos urgentes das Dioceses das nações pobres; — a requerer junto aos organismos internacionais, em teste-

munho evangélico como o do Papa Paulo VI na O. N. U., a adopção de estruturas económicas e culturais que, ao invés de fabricarem novas nações proletárias em um mundo sempre mais rico, permitam às massas pobres sair da miséria.

12) Nós nos comprometemos a dividir, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos no Cristo (padres, religiosos e leigos) para que nosso ministério seja um verdadeiro serviço. Assim: — tentaremos, como eles, revisões de vida; — suscitaremos colaboradores que sejam mais animadores segundo o espírito, do que chefes segundo o mundo; — buscaremos ser, da maneira mais humana possível, presentes e acolhedores: — seremos abertos a todos, qualquer que seja a religião que adoptem (Marcos VIII, 34/35; Actos VI, 1/7; I Tim. III, 8/10).

13) Que Deus nos ajude a ser fiéis.

(in «A Voz»)

Teatro Aveirense Aveiro

23 DE MARÇO

às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro Aveirense

Teatro Ribeiro Conceição Lamego

28 DE MARÇO

às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro Ribeiro Conceição, na Casa Lopes & Requeixo e na Tabacaria Valente



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

★ BELEM ★

Se o leitor nunca esteve em «Belém», venha hoje daí, mas cedinho, se quer ainda ouvir o toque de alvorada e começar o dia conosco.

O toque dum despertador, colocado ao centro da casa, é que todos os dias nos convida a saltar da cama, pelas 7 da manhã, para a labuta diária.

As mais velhas são as primeiras a passar aos quartos de banho, insuficientes para tanta gente e as outras vão-se depois levantando, à medida que os ditos vão ficando livres.

Cada qual faz a sua cama e depois as oito mais velhas juntam-se para as orações da manhã. Seguidamente, duas vão para a cozinha, a preparar o pequeno almoço. Outras duas vão preparar os cozidos para os porquinhos. As outras quatro ficam a limpar os quartos, o respectivo corredor e escadas.

Areias do Cavaco

Contin. da PRIMEIRA página

as mãos deles que trouxeram. Em notas ou moedas vieram por eles. A beleza deste quadro é a razão de ser do muito carinho com que os recebem. Há sombras? Mais valor lhe dão.

Ajudá-los a descobrir a riqueza de que são portadores é a missão da Casa do Gaiato.

O mês de Janeiro findou. Não te lalaria verdade se te dissesse que não ando preocupado. Como sabes, temos entre mãos a Casa-Mãe da Aldia, a padaria, lavandaria, moagem; as oficinas de carpintaria e serralharia; o depósito da água. Além disso são 70 bocas que hemos de sustentar e mais 70 que diariamente ganham seu pão em nossa Casa. Custa-nos muito mandá-los embora. Os pobres, os que vivem do seu dia a dia, não têm faltado. Mas onde estão os homens de dinheiro? Iremos de saca na mão, bater-lhes à porta. Também eles carecem de ser redimidos. Oxalá não se fechem.

Padre Manuel

Entretanto, as mais novitas vão-se preparando e fazendo as suas camitas.

Rezam as orações da manhã por volta das 8 horas. Esteja ou não presente pessoa adulta, uma delas é que dirige a oração e por isso nunca esperam por ninguém para o fazerem.

Pouco depois ouve-se bater as palmas e elas já sabem que é para pôr a mesa e almoçar: quase sempre leite e pão com manteiga ou compota.

Depois do pequeno almoço, as duas cozinheiras tratam dos preparativos para o almoço. Agora são a Lurdes e a Fátima. Adam na cozinha há pouco tempo e não há dúvida que se têm esforçado e feito progressos. Por vezes, tenho-as deixado completamente sós e elas lá se vão ajeitando, de modo que nunca deixamos de comer mais ou menos à hora. E fiquem por aqui sabendo que, apesar dos ralhetes que levam quando deixam esturrar o arroz ou a hortaliça mal cozida, estou bastante satisfeita com elas, pois nunca tive na cozinha outras que me dessem mais descanso. E algumas bastante tempo por lá andaram...

As quatro que têm à sua conta os animais domésticos vão dar o almocinho aos porcos, coelhos, galinhas e pombas e ocupam-se a apanhar-lhes de comer durante toda a manhã e até às vezes durante todo o dia, quando o tempo não ajuda.

As duas entregues da roupa, lavam, coram, estendem e secam, durante a primeira metade da semana e, se faz mau tempo, este trabalho prolonga-se até ao fim da semana, principalmente porque ainda não temos estendeiro coberto. A coser e passar a ferro são ajudadas pelas outras seis, ao serão. Cada uma destas trata da sua roupa e, além desta, têm à sua conta um certo número de peças das mais novas.

Depois do pequeno almoço, a limpeza e arranjo da casa continua nos corredores, salas e quartos de banho, por um grupo das mais cresciditas. Estas, depois de terminada esta tarefa, tanto se podem ocupar da costura, bordados, como na quinta, em trabalhos leves, se está tempo bom.

As de idade escolar já partiram para a escola e vêm a casa almoçar, para voltar de nova à escola.

E os nossos «Pintainhos», que agora são três? Esses é que têm o dia por sua conta! É, como

não há lugar próprio para a brincadeira dentro da casa, quando faz mau tempo é um caso sério para as acomodar. Complicam a vida das outras e as outras com elas se desculpam, quando o corpo lhes puxa para a brincadeira em tempo de trabalho.

O almoço é ao meio-dia e meia hora e nunca há ninguém com falta de apetite. Sempre sopa e um prato. A sobremesa, graças a Deus, poucas vezes falta, dada a abundância de fruta da nossa quinta. Bolos é que há poucos, porque o nosso fogão está muito velho, não os coze bem. Além disso, as nossas cozinheiras ainda não tiveram tempo de chegarem a esses apuros. Quanto a mim, os leitores já sabem que vou fazendo o que não posso deixar de fazer...

E ficamos hoje por aqui! Voltarei ao assunto, mas quando estiver tempo bom, para podermos dar uma volta pela quinta. Valeu?

Inês — Belém — Viseu

Visado pela
Comissão de Censura

TRIBUNA DE COIMBRA

A dr.^a Maria de Lurdes veio cheia de aflições de uma família da Sé Velha. Ouve e prometi ir e levar cobertores e colchão.

Fui ao começar do dia seguinte e já encontrei o filhito de seis anos a vir da taberna com o garrafão do vinho. A Mãe, muito nova, pálida, descalça e mal vestida, veio ajudar a levar as coisas.

Subimos a escada escura. O cubículo onde vivem, sem espaço e com a luz muito coada, onde o ar se podia cortar às postas, é um amontoado de coisas e de pessoas. O pai estava na cama que ocupa quase tudo e os seis filhitos já estavam de pé. Ele bebe, diz disparates, tem ataques, sofre e faz sofrer toda a gente que o tem de aturar. Pouco disse e quase nada demorei. Cruzei os braços e desci para a rua. Em mim senti as aflições da Maria de Lurdes.

Passados dias a Maria de Lurdes tornou ao meu encontro à procura de uma casa para aqueles infelizes. Ela é mãe. Tem filhos pequenos e tem uma casa. É professora e inteligente. Tem alma cristã e não sabe que fazer àquela família.

Um grupo de homens com o marido da Maria de Lurdes já conseguiu meio de trabalho, mas ele abandonou-o. As Criaditas dos Pobres nada conseguiram.

Que resposta havia eu de dar à Maria de Lurdes?... Sorri-me tristemente e encolhi os ombros. Quem dá solução?



Não esperávamos que o Senhor nos levasse o Mário da Guiné, 15 verdes anos, quase de um momento para outro. No Domingo, dia 13, foi para a cama, tocado por surto epidémico de gripe que o tempo frio e chuvoso tem favorecido. Hoje, dia 15, pelas 6 horas da manhã entregava a alma ao Criador, ante a estupefacção de todos. Louvado seja Deus. Na nossa Capela, na presença do Jesus do Sacrário, enquanto um grupo reza o terço, coligimos esta notícia olhando o corpo frio do segundo rapaz desta Casa que, durante a sua

permanência aqui, é chamado a contas. E, se concluímos ser a nossa paternidade espiritual um facto, mais evidente do que julgávamos, soam a nossos ouvidos como consoladora certeza as palavras do Mestre a Marta: «Eu sou a Ressurreição e a Vida! Quem acredita em Mim, mesmo que morra, tornará a viver». E o Mário, já nascido para a Graça no templo onde ora se encontra o seu corpo franzino, acreditava n'Ele e, portanto, viverá! Que seja facho, lá no Céu, a alumiar nossos passos.

Padre Luiz

que a gente vive. Enquanto a Mãe falava o pequenito ia-me pedindo um bocadinho de bo-roa.

O motivo principal da sua vinda era uma casa: uma casa daquelas que o senhor mandou fazer no bairro de Nossa Senhora de Fátima. Entreguei-lhe senhas de mercearia que me haviam dado e matei-lhe a esperança de uma casa. Partiu agradecida, mas em nada aliviada da miséria em que a gente vive.

Oh! bairro que tantos passos me fizeste dar para que fosses centro de esperanças e que agora fazes dar tantos passos pelas tuas casas! Os meus foram todos proveitosos; os deles são quase todos em vão. Os Pobres partem sem esperança e em mim fica toda a amargura das suas vidas de sangue.

P. S. — A nossa Festa no Teatro Avenida de Coimbra será na noite de 22 de Março. Marca já lugar.

Padre Horácio

TEATRO AVENIDA

COIMBRA

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Soja; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

22 de Março

Às 21,30

Teatro Jordão

Guimarães

18 DE MARÇO

às 21,30 horas

Teatro Circo

Braga

24 DE MARÇO

às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda nas bilheteiras de cada um dos Teatros



PELAS CASAS DO GAIATO

Lar do Porto

* **CONFERENCIA** — Venho aqui acusar os recebimentos de muitas dádivas, oriundas de benfeitores atenciosos para com nossa actividade.

O que recebemos chegou para o trabalho elaborado: consoada aos pobres e liquidação de débitos sobre mercancia, já em atraso. Contudo, houve tempo em que nosso cofre teve mais volume, o que nos proporcionava dar aos Pobres um pouco mais de alegria material.

Damos graças a Deus, porque aquilo que veio, estamos certos disso, foi obra do Seu santo querer. E ao dar-lhe graças, também temos muitas que são para vós.

Tenho a dizer que houve uma senhora que nos ofereceu uma pintura, com o intuito de a vendermos em proveito das nossas necessidades, a qual reproduz o retrato de uma jovem. Como nos foi solicitado que notificássemos o resultado, cumpre-me informar a essa nossa amiga que a dita pintura não teve comprador, apesar de muito se haver procurado um possível aceitador. Deste modo, julgando pensar bem, a oferta aludida ficará como adorno num dos nossos aposentos. Não esqueço um muito obrigado para essa carinhosa benfeitora.

Anotamos recebidos aqui à porta 500\$00, da Casa da Sorte 500\$00, duma assinante da «Casa dos Cem» 40\$00, do Banco Pinto & Sotto Mayor 50\$, do Banco Pinto de Magalhães, Lda 200\$00, do assinante 42342 (salvo erro) 900\$00, do Gaz Mobil 500\$00, da Soc. Cristais, Lda 200\$00, do Espelho da Moda 50\$00, da Esc. de Condução Carsil 100\$00, da Electrolux, Lda 100\$00, de Pinto e Cruz, Lda 20\$00, do Banco Portugues do Atlantico 100\$00, da Soc. Vendedora de Glicerinas 10\$00, de Encerados, Lda 10\$00, da Hoover 5\$00, da Soc. de Tecidos Confiança 20\$00, de Adão Oculista 10\$00, da Kodak Portuguesa 12\$50, do Stand Sadiis 20\$00, de A. Leite de Pinho e C.ª Lda 20\$00, da Casa de Metais Almada 20\$00, da Casa Soja Portugal 5\$00, da Janota 7\$50, de José Ferreira Botelho & C.ª Lda 200\$00, da Casa Cassels 20\$00, de Vitor Cardier & C.ª 5\$00, de José Gonçalves da Fonseca & C.ª, Sucr. 10\$00, da Casa S. José 20\$00, da Drogeria Moura, Lda 10\$00, de Araújo & Sobrinho 20\$00, do Banco Lisboa & Açores 150\$00, do Sr. Virgílio (Auto Porto) 10\$00, de Moura & Fortes, Lda 10\$00, de Coimbra & Filhos 5\$00, da Sapataria Porto 20\$, da Esc. de Condução Auto Águia 20\$, de Emilio de Azevedo Campos 50\$00, de Costa Braga & Filhos 10\$, de Costa Real 20\$00, de Corte Inglês 5\$00, da Sapataria Branca de Neve 20\$00, de Manuel Antunes 50\$00, da

Casa Tinoco 20\$00, da Casa Brito 2\$50, da Casa Africana 10\$00, da Foto Matou 5\$00, do Banco Borges & Irmão 60\$00, da Sonap 50\$00, de Diogo Barbot 20\$00, e ainda quatro bolos REI da confeitaria do Bolhão, quatro bolos REI da confeitaria Lobito, muitos doces da confeitaria Primor e no edificio da Singer veio uma data de remédios.

Como entramos em ano novo queremos pedir aos senhores amigos do Porto que, em caso de não serem ainda, nos mandem suas moradas, a fim de se tornarem subscriptores da nossa Conferencia Vicentina. O que pedimos é uma pequenina esmola mensal, que, junta a muitas outras, somará uma boa verba, a qual valerá para termos as contas em dia, que — digase de passagem — se não fosse esta última enxurrada de doações, as nossas grandemente atrasadas.

Por tudo o feito e pelo mais que fizerdes recebi um muito obrigado.

ORLANDO DA ROCHA

LAR DE COIMBRA

* Há dias o «Castanheira» veio bastante admirado das aulas, porque um companheiro seu de pouca idade, já fumava, dizia... e fazia... Olhei para o «Castanheira» e vi nos seus olhos a inocência da sua afirmação.

E depois queixava-se: a minha toma, já anda reduzida a metade. Alguns desistiram, outros já têm o ano tapado por faltas.

Os pais destes rapazes certamente devem-se manter ocultos aos problemas dos filhos, ou a educação destes não os preocupa. Ainda há dias um me dizia que o pai o não queria em casa em determinadas horas. E depois continuou... «tenho um irmão anormal». E como este tantos.

Pobres crianças que sofrem pelos prazeres dos pais. É parte da sociedade mantêm-se alheia a estes problemas!

E os filhos vêem a vida dos pais — que farão eles amanhã?

Será esta a herança que aqueles lhes querem transmitir?

Pobres filhos, se a vossa vontade não for eficaz.

Feliz do «Castanheira» que consegue decifrar nos seus colegas o vicio e a impureza. Ele tem 15 anos e podia ser como aqueles. Mas ele tem uma vontade que será luz e vida.

JOAQUIM SOUSA

Paço de Sousa

* Fausto, ex-cronista desta coluna, foi chamado a prestar Serviço Militar. Partiu, levando consigo a dor de nos deixar. Esta, bem expressa no rosto.

Por ora, a distancia é curta; todavia, o além espera-o, na certeza de encontrar nele, aquele que todos ansiamos.

De seus irmãos amigos, aqui fica o desejo para que nesta nova etapa, aproveite o que na antecedente melhor aprendeu.

* Uns partem, outros voltam. Agora foi a vez do nosso Frias, que, depois de ter cumprido o seu tempo em Moçambique, está de novo junto de nós. É tipógrafo, e está praticando a sua arte, a fim de a exercer na vida futura. O Frias dentro em pouco deixa-nos, mas desta vez para ocupar lugar numa tipografia do Porto.

Também para este vai o nosso voto de felicidades, para a nova vida que o espera.

* Há tempos foi lançado um apelo n'«O Gaiato» para um despertador. Alguém gritou, e com estas letras:

«Sou pobre, mas uma grande admiradora da Obra. Tomara eu poder ajudar mais. Li o vosso jornal, e vi que precisavam de um despertador. Como isso não ia além das minhas posses, apressei-me a mandá-lo. Queira Deus, que este despertador, faça despertar os corações de tantos ricos, que dormem; e que tanto podem fazer!»

Pobres, para pedirem a Deus, por uma intenção.

Esta que vos deseja muitos e muitas felicidades.

M. C.

P. S. — Gostava de saber, se teceberam, pois fico em cuidado, com receio que se possa perder, mas Deus não pode permitir isso. Assim o creio.

Os Pobres entendem-se com os Pobres! O resto... está d'ito.

João da Rocha

BELÉM

* **SAGRADA FAMILIA** — No dia 9 de Janeiro foi o dia da Sagrada Família. Belém está consagrada à Sagrada Família. É a nossa protectora. Socorre-nos em todas as nossas necessidades, tanto corporais como espirituais.

É Ela que anda de porta em porta, a pedir a ajuda dos nossos Benfeitores para que nunca se esqueçam de nós.

Belém, como sabem, vive do nosso trabalho e de esmolas. É com as vossas ajudas, que Belém se vai tornando cada vez maior.

Por isso, no dia da Sagrada Família, não esqueçamos os nossos Benfeitores e rezamos por todos, para que Nosso Senhor vos ajude também em todas as vossas necessidades.

FATINHA

MIRANDA DO CORVO

* Se até aqui não se tem falado, hoje em dia não se falará noutra coisa! Em quê? Na festa anual dos Gaiatos no Teatro Avenida, em Coimbra.

De há dois anos para cá temos sido surpresa e êxito. Este ano esperamos

o mesmo. A sala do Avenida, verificou-se, que não dá de uma só vez para acolher os corações dos nossos amigos conimbricenses que nessa noite querem participar da nossa alegria.

Porém, já o ano passado, terminadas as Festas, emitimos a hipótese de em vez de uma serem duas Festas. No Porto já assim o é de há anos para cá. Porque não em Coimbra? Os nossos amigos, felizmente, são suficientes para duas enchentes a transbordar em número e de alegria. Além disso o número de lugares do Teatro Avenida não é exorbitante; outro tanto, não digo eu do Coliseu do Porto, que fica com mais de 4.000.

Portanto, tu estudante liceal e tu universitário; vós operários e vós patões, não falem a nossa remissão (ou a uma das duas — se for do vosso agrado), em Coimbra que contamos seja no dia 22 de Março.

* Já é do conhecimento geral que nas nossas Casas um dos nossos rapazes é o chefe maior e que além desse há mais alguns que têm nesta ou naquela missão de fazer reinar a disciplina.

São por assim dizer os seus ajudantes mais chegados, porquanto, a ajudá-lo na sua nobre missão, devemos ser todos.

Para que entre nós as coisas corram bem é necessário de vez em quando que os chefes se reúnam a fim de pôr em questão e seleccionar os problemas dos rapazes.

Por estes dias os chefes e Padres de todas as nossas Casas da Metrópol reuniram-se na Casa do Gaiato de Setúbal para que assim se possam resolver os vários problemas da Obra.

* Pião para nós não é só o brinquedo com que por vezes, os «batatas» se divertem; há para nós um outro «Pião» que de há uns tempos para cá se tem dado a conhecer por Augusto.

O Augusto saiu aos 17 anos para a vida que, lá fora, o esperava. Agora é criado de mesa num dos muitos hotéis de Lisboa; não se tem, porém, esquecido de visitar-nos quase todos os anos. Onde ele chega com o seu vozeirão e com o seu modo particular de falar, não há ninguém que não se desmanche.

Desta vez cantou fados, fez paródia, matou saudades. Esteve connosco mais de uma semana.

Quando de novo partiu, disse:

— Adeus, rapazes! Vou-me embora... acabaram-se as paródias.

Não haja dúvida que para nós ainda é o mesmo «Pião».

António Ferreira da Silva

BENGUELA

* **ROUPAS** — Este pedido é a primeira vez que vai n'«O Gaiato» para esta Casa, mas talvez seja um dos primeiros a ser acudido. Amigos de «O Gaiato», não custa nada. Basta que cada lar dê uma revisão a esses armários que existem em suas casas, porque é muito natural que surjam peças de roupas que já não sirvam aos vossos filhos. De-

COLISEU

DO PORTO

pois, podem fazer umas encomendas e mandá-las ou pelos nossos vendedores do jornal, ou até podem mandar parar a nossa carrinha ou até podem trazer cá mesmo à Casa. Portanto, meus senhores, há muitos meios de se desencantarem. Desde já os nossos agradecimentos.

* **ADUBOS** — Nós vamos entrar numa época em que o despacho da banana para o Continente vai ser maior. Portanto precisamos de adubos para as bananeiras. Tudo quanto possa fazer bem às bananeiras mandem-nos que desde já muito agradecemos. Adeus e até à próxima.

António Augusto

SETÚBAL

* Eu passava pela cozinha. Era a hora do café. Estava muito frio. Joanito está sentado de frente ao fogão, com o Ramiro ao colo. Joanito é o cozinheiro. Ramiro é dos mais pequeninos. Um e outro sentem-se consolados. Eu passei, olhei, e fui todo contente a caminho da minha oficina:



AQUI ESTA O SEGUNDO FILHO DO NOSSO ERNESTO PINTO

O irmão mais velho enternece e é enternecido. Que melhor quadro queremos para sentirmos a Família das nossas Casas?!

* Noutro dia, pedíamos que nos dessem jogos. Uma senhora mandou-nos dois baralhos de cartas. Os carpinteiros estiveram a fazer quatro mesas para jogos, e «Cerejas», o responsável pelo salão, quer ver as mesas todas a funcionar.

Ernesto Pinto

A NOSSA FESTA

EM
VISEU

26 de Março

ÀS 21,30

27 de Março

ÀS 15 H.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

17 de Março

Às 21,30

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.